



## I'WAMNARI<sup>1</sup>: AS CORES E A COSMOLOGIA XAVANTE

## I'WAMNARI: THE COLOR SYSTEM AND XAVANTE COSMOLOGY

**Evandro de Sousa Bonfim\***

Doutor em Antropologia Social/Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Bolsista de Pós-Doutorado/CNPq  
Pesquisador Colaborador do Departamento de Antropologia/MN-UFRJ  
E-mail: [evandrobonfim@hotmail.com](mailto:evandrobonfim@hotmail.com)  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Wellington Pedrosa Quintino**

Doutor em Linguística/Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professor da Universidade Estadual do Mato Grosso  
E-mail: [xav@terra.com.br](mailto:xav@terra.com.br)  
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

---

\*Endereço: Evandro de Sousa Bonfim

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Antropologia/Setor de Linguística.  
Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, CEP: 20940-040 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 15/08/2013. Última versão recebida em 06/09/2013. Aprovado em 07/09/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Apoio e financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar, a partir de dados linguísticos de primeira mão, o sistema de cores Xavante, grupo indígena da família Jê central que habita o estado brasileiro de Mato Grosso. Tal descrição linguística será informada pelas relações que o léxico designativo das cores mantém com a cosmologia do grupo, bem como pelas possíveis mudanças decorrentes do contato com outros sistemas de nomeação cromática. Os termos de cores Xavante são especialmente interessantes por não atenderem ao princípio dos universais semânticos-perceptuais da cor e por expressarem relações e valores fundamentais para se entender a organização social, a estética e a noção de agência humana do grupo.

**Palavras-chave:** léxico cromático; família Jê; cosmologia.

## ABSTRACT

The goal of this paper is to present, using first hand linguistic data, the Xavante color system. The Xavante are an indigenous group from the Ge central family that inhabits the Brazilian State of Mato Grosso. Such linguistic description is mainly informed by the relations that the color lexicon maintains with Xavante cosmology, as well as current changes triggered by the contact with other systems of chromatic designation. The Xavante color terms are worthy of studying because they do not fit the semantic-perceptual universal principles of color cognition and, by the same token, for expressing values and relationships also found in their social organization, aesthetics and notions of human agency and body.

**Keywords:** color terms; Ge family; cosmology.

## 1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre os termos de cores em línguas indígenas, realizadas tanto por linguistas quanto por etnólogos, geralmente recaem no debate sobre a existência de universais perceptuais *versus* a arbitrariedade cultural da designação cromática. A última posição é tributária da hipótese Sapir-Whorf sobre a correlação entre língua e apreensão do mundo, com a variância nas palavras designativas de cores servindo justamente de apoio ao argumento, até a refutação encabeçada por Berlin & Kay (1969), que representa o outro pólo da dicotomia<sup>2</sup>. Estudos mais recentes tentam conciliar as duas propostas, falando de propriedades universais da percepção cromática ao mesmo tempo em que confere maior espaço às refrações culturais para trabalhar com este substrato comum, o que é capaz de gerar sistemas de cores bastante diferentes da representação ocidental (REGIER; KAY; KATHERPAL, 2009). Tal retomada do debate se deve ao questionamento nos campos da óptica e da cognição da teoria das cores oponentes, substituída pela noção de matizes salientes, referente às irregularidades do espaço cromático e portanto ocasionadoras de variância na percepção (JAMESON & D'ANDRADE, 1997).

Do ponto de vista antropológico, saber se a maneira de compor a escala cromática tem algo a dizer sobre o povo que a estabelece é mais interessante do que conferir se certa terminologia de cores corrobora ou contradiz as teorias óticas e cognitivas. A classificação das cores pode ser um indicativo importante sobre como determinado coletivo humano organiza e conecta os elementos que lhe são relevantes. Este parece ser o caso dos Xavante, grupo indígena do Brasil Central da família linguística Jê, que ao tratar das cores e relacioná-las a seres, objetos e elementos da natureza está também atribuindo valores aos mesmos e colocando-os em relação de complementaridade e transformação.

O objetivo deste artigo é apresentar, a partir de dados linguísticos de primeira mão, o sistema de cores Xavante. Tal descrição linguística será informada pelas relações que o léxico designativo das cores mantém com a cosmologia do grupo, bem como pelas possíveis mudanças decorrentes do contato com outros sistemas de nomeação cromática<sup>3</sup>.

## 2. OS XAVANTE

As primeiras notícias que se tem dos Xavante estão em documentos coloniais e datam do final do Séc. XVIII . Os Xavante estavam localizados no Brasil Central, ao nordeste de Goiás, em território do atual estado de Tocantins. O termo Xavante era usado por não-índios

para designar não apenas os Xavante, mas todos os indígenas do Brasil Central. A origem desse nome é desconhecida. Embora se apresentem como Xavante para os não-índios, o termo de auto-descrição nativa é *A`uwê*, o que significa povo ou gente, fenômeno comum registrado em toda literatura etnológica.

O mito Xavante *Wahirada* relata a separação entre o que eles acreditavam ser um povo único, localizando tal divisão entre os grupos no período em que cruzaram o Rio Araguaia. Segundo Maybury-Lewis (1985), essa separação ocorreu ainda na primeira metade do século XIX, por volta de 1840. Outros autores, entretanto, afirma que essa separação ocorreu mesmo antes do período chamado de Entradas e Bandeiras, quando os bandeirantes de São Paulo rumaram para o centro-oeste do país, sem portanto ter influenciado a separação.

O grupo que cruzou o Araguaia (momento em que os Xavante se diferenciam dos Xerente, que permaneceram do lado leste do rio), era formado por sua vez por um grupo de facções que se uniram momentaneamente para aumentar as chances de conquista do novo território. Instalaram-se, inicialmente, na região do Rio das Mortes na Serra do Roncador. Após uma série de cisões internas ao grupo e conflitos externos com os Bororo, Karajá e não-índios, os Xavante fundam a grande Aldeia Sõrepré, de onde mais tarde, dividiram-se em três grupos. Um grupo moveu-se para o norte e oeste, em direção ao Rio Suiá Missu; um outro para o oeste em direção à cabeceira do Rio Couto Magalhães, onde fundaram a aldeia Parabubure. Um terceiro grupo permaneceu na Área da antiga Aldeia Sõrepré, onde fundaram a Aldeia Pimentel Barbosa/Etêniritipa e ocupam ainda hoje a mesma área de seus ancestrais.

O povo Xavante divide-se em oito grandes territórios, a saber: Marechal Rondon; Parabubure, Kuluene e Couto Magalhães; Sangradouro; São Marcos; Areões e Pimentel Barbosa, sendo este último o lócus da nossa observação direta e onde aconteceu a coleta dos dados linguísticos. Atualmente, segundo dados da Funai, os números apontam para uma população de mais de 13 mil índios que habitam o Brasil Central, restringindo-se hoje à região nordeste do estado de Mato Grosso.

Segundo Rodrigues (1986), o Xavante em Mato Grosso assim como o Xerente em Goiás, o Xacrianó e o Xacriabás (não mais falados) em Minas Gerais, são povos do grupo Akuen, falantes de línguas pertencentes à família Jê do tronco linguístico Macro-Jê. O Xavante e Xerente constituem o ramo central dessa família linguística.

Na literatura antropológica, os Xavante são conhecidos principalmente por sua organização social de tipo dualista, ou seja, trata-se de uma sociedade em que a vida e o pensamento de seus membros estão constantemente permeados por um princípio diádico, que organiza sua percepção do mundo, da natureza, da coletividade e do próprio cosmos como

estando permanentemente divididos em metades opostas e complementares (MAYBURY-LEWIS, 1990 [1965], 1974 [1967] e 1988). Tal interpretação, estendida a outros povos Jê e do Brasil Central, rendeu um dos mais intensos embates acerca de modelos analíticos da etnologia ameríndia (ver resenha do debate em SZTUTMAN, 2002). Gostaríamos de retomar alguns aspectos da discussão a partir do sistema de cores Xavante, que expressa relações não facilmente comportadas por sistemas dualistas diametrais, como o caráter hierárquico e não simétrico de certas oposições, faixas de transição e princípios transformadores com atuação transversal aos pares opositivos.

### 3. O SISTEMA DE CORES XAVANTE

Há uma palavra que corresponde, grosso modo, à noção de cor em Xavante, *i`wamnari*, literalmente aquilo ou aquele que possui cor em oposição ao que é branco, que se apresenta assim como a não-cor. Essa e todas as outras designações para cores nessa língua, conforme Quintino, (2008), são categorizadas como adjetivos prototípicos, em virtude de carregarem o prefixo relacional *i-*. Observamos também que todas as raízes se apresentam como monomorfêmicas, mais uma evidência em favor de uma categoria formal de nomeação de cores na língua. Assim como na língua Kwakw'ala, na sua variedade Lekwiltok, descrita em Saunders (1992), além de outras línguas naturais, a língua Xavante, na sua variedade dialetal falada em Etenhiritipá e Pimentel Barbosa, a partir de dados coletados com falantes monolíngues, distingue, aparentemente, 4 cores básicas, a saber: *i`a* 'branco' (1), em oposição a *i`u* 'preto' (2); além de *i`pré* 'vermelho' (3), em oposição a *i`udzé* 'verde, amarelo, azul' (4).

(1) <i>i`a</i>	'branco'
(2) <i>i`u</i>	'preto',
(3) <i>i`pré</i>	'vermelho'
(4) <i>i`udzé</i>	'verde/azul/amarelo'

Se seguirmos a lógica Xavante e considerarmos o branco como a ausência de cor, reduziremos então o padrão para o número de 3 cores básicas, a partir das quais os consultores nativos relacionavam todas as cores apresentadas, inclusive aquelas secundárias. Chamou-nos a atenção o dado em (4). A palavra *i`udzé* parece recobrir tanto a noção de verde, como também amarelo e azul. Tal assimilação cromática contradiz as previsões do espaço perceptual de cor apresentado por Regier, Kay & Katherpal (2009), por associar matizes que

não são adjacentes no prisma cromático, e que exigiriam portanto distinção perceptual.

Neste sentido o sistema de cores Xavante se aproxima bastante daquele adotado por outro grupo do tronco linguístico Macro-Jê, os Karajá (Família Karajá), que serve justamente de contra-exemplo para a revisão dos universais semânticos na divisão do espaço de cor proposta pelos autores. “Karajá is one of two languages in the WCS [World Color Survey] that contains a term that includes yellow, green, and blue [como o Xavante] (...). The remaining terms, black, white and red, are unsurprising [os mesmos demais termos que o Xavante possui] (...) The Karajá color-naming system does not fit the structure of perceptual color space. It differs substantially from what universal forces would predict (2009: 06, interpolações nossas)”.

Já os dados coletados com falantes bilíngues, que não pertencem à mesma aldeia dos falantes monolíngues, se apresentam como adicionais, pois incluem outras configurações cromáticas, a saber, gradações de cores ou cores secundárias. Ou seja, além das cores básicas, essa variedade do Xavante distingue ainda as cores nos dados em (5b), (6b) e (6c). Acreditamos que o intenso contato com o Português justifique de alguma maneira a apropriação de novas formas na língua. O que esse dado traz de interessante, no entanto, é mostrar a forma que a língua encontra para compor novas designações cromáticas.

- |                         |                     |
|-------------------------|---------------------|
| (5a) <i>i`pré</i>       | ‘vermelho; maduro’  |
| (5b) <i>i`pré`a</i>     | ‘laranja’           |
| (6a) <i>i`udzé</i>      | ‘verde; não-maduro’ |
| (6b) <i>i`udze`a</i>    | ‘amarelo’           |
| (6c) <i>höwawe`udzé</i> | ‘azul’              |

O processo de formação desses neologismos evidencia uma configuração de cores básicas (vermelho e verde-azul-amarelo) que se sobrepõem às demais e a partir das quais as cores secundárias são pensadas na língua. Em (6a), além da noção de cor, *i`pré*, também recobre a noção de maduro (referente a frutos). Da mesma forma, em (7a) *i`udzé*, diz respeito tanto a noção de cor quanto a de não-maduro. Já em (6b), observamos que para compor a palavra referente à cor laranja, o Xavante utiliza a raiz do adjetivo vermelho, prefixada pela marca de adjetivo prototípico *i*, seguido da raiz do adjetivo branco, a cor em foco aqui parece ser o vermelho. O mesmo ocorre para designar a cor amarela. No entanto, outra combinação de raízes se apresenta, nesse caso, a raiz de verde-azul-amarelo, também prefixada pela marca

de adjetivo prototípico *i*, é associada à raiz de branco. Já a cor azul parece não diferir da raiz *udze*, porém, quando se solicita ao consultor nativo que estabeleça alguma diferença entre essas cores ele fornece o dado em (7c), literalmente, ‘verde-azul-amarelo do céu’ ou ‘verde-azul-amarelo celeste’. Curiosamente, essa palavra não apresenta a marca de adjetivo prototípico, o prefixo *i-*, o que nos leva a supor que talvez este item não seja lexicalizado. Não acreditamos que falte ao Xavante a percepção visual para as cores verde, azul e amarelo, simplesmente a distinção entre as três cores não parece ser relevante para a língua.

A palavra que carrega o sentido de ‘colorido’ em Xavante é *i`pré`udze*, literalmente aquilo que é vermelho/verde-azul-amarelo. Ela é usada para descrever, por exemplo, o ‘arco-íris’, *tã`iwaipó*. Embora o arco-íris apresente mais cores, observamos que se trata, nesse caso, de uma composição morfológica entre as raízes das cores vermelho e verde-azul-amarelo, cores básicas do Xavante, usadas para dar a idéia de muitas cores, de colorido, como no dado em (7). Nesse caso apenas a primeira cor viria prefixada pela marca do relacional *i-*. No dado em (8), *sôté* refere-se a um tipo específico de arara, a Canindé, também conhecida como arara amarela ou arara amarela e azul, que apresenta uma plumagem colorida, a parte de cima é de penas de cor azul e embaixo penas de cor amarela, daí a motivação do nome. No entanto, no dado em (8), para caracterizar o referente ‘pena’, o Xavante diz que ela é vermelha além de verde-azul-amarelo, portanto colorida. Nota-se que aqui também as cores vermelho e verde-azul-amarelo, nessa ordem, funcionam para designar a noção de colorido, de muitas cores. Se trocarmos a posição das raízes das cores, *\*i`udzepré*, para mantermos a mesma noção, este resultará em um dado agramatical.

(7) *tã`iwaipó i -`pré `udze* ‘arco-íris é colorido’

chuva brilho REL-vermelho verde-azul-amarelo

(8) *sôté-hã i -saripi-pré duré i -saripi-`udzé* ‘arara tem pena colorida’

arara –ENF REL-pena -vermelho mais REL pena -verde-amarelo-azul

Há ainda palavras em Xavante para designar a noção de ‘claro’ (9) e ‘escuro’ (10) que, combinadas às outras cores básicas, regularmente funcionam para graduar, modular essas mesmas cores.

(9) *i`waipó; itsarob`a; i`rã* ‘claro’

(10) *i`wawã; i`robra; i`rãdö* ‘escuro’

Essas formas estão distribuídas complementarmente e têm seus usos condicionados contextualmente. Aparentemente funcionam também para opor 'dia' à 'noite' além de 'limpo' a 'sujo'. As palavras *i`rã* e *i`rãdö* também diferenciam o 'não-índio branco' do 'não-índio negro' em oposição aos indígenas.

- (11) *supara-hã i-`a* 'A areia é branca'  
 terra -ENF REL-branco
- (12) *ni`wa -hã ihi i -séré-`a* 'Gente velha tem cabelo branco'  
 ninguém-ENF velho REL-cabelo-branco
- (13) *ritéi`wa-hã i -séré i -rãdö* 'Moço tem cabelo preto'  
 rapaz -ENF REL-cabelo REL-escuro

No dado (11) o relacional *i* é prefixado ao termo de cor *a*, e está sendo usado para caracterizar 'areia'. No dado (12), o relacional *i* é prefixado à palavra *séré*, 'cabelo' a qual é acrescida a raiz de branco, formando um composto. No dado em (13) o relacional *i* é prefixado tanto à palavra *séré*, 'cabelo', quanto a 'escuro' *rãdö*, formando assim dois itens lexicais distintos.

#### 4. AS CORES E O COTIDIANO XAVANTE

Apresentaremos agora situações próprias do cotidiano Xavante em que a terminologia das cores costuma ser acionada, como no que diz respeito ao cultivo agrícola e a organização social. As palavras usadas para designar as diferentes variedades de milho (*Zea mays*) cultivados pelos Xavante, têm como raiz *nodzö* 'milho' (14) e apresentam variações marcadas pela inserção de uma determinada cor ou característica, como nos dados de (15) a (17). No dado (18), o que parece ser focado é a forma (riscado; na forma de riscos) mais que a cor. Curiosamente a palavra que designa o referente 'milho amarelo' (19), aquele produzido e consumido pelo não-índio, não pressupõe o termo *i-udzé* em sua formação morfológica, é designado a partir do referente não-índio. É válido lembrar que essa variedade de milho não é cultivada entre os Xavante, embora o reconheçam como tal, raramente é plantada na aldeia.

- (14) *nodzö* 'milho'
- (15) *nodzöb`u / nodzöb`rã* 'milho preto'
- (16) *nodzöb`a* 'milho branco'

- (17) *nodzö`pré* ‘milho vermelho’  
 (18) *nodzöb`awawi* ‘milho riscado’  
 (19) *nodzö waradzu* ‘milho do não-índio’  
 (20) *Nozöhã mato tizöptete* ‘O milho está amarelo (maduro)’  
       milho -ENF foi           -rápido  
 (21) *Nozö-hã mato tizöbudzé* ‘O milho está verde’  
       milho -ENF               verde

O conjunto de dados abaixo refere-se a aplicação dos adjetivos cromáticos em outras situações do dia-a-dia Xavante:

- (22) *Ãhã sirārã-hã i -pré* ‘Esta flor é vermelha’  
       DEM flor   -ENF REL-vermelho  
 (23) *Aibá pré za`ra wa`aba-di bö-na* ‘Tuas costas estão vermelhas de urucum’  
       costas vermelho tudo           -EST urucum-POS  
 (24) *i -`pré -du i -`rã -pré* ‘o homem adulto tem cabeça vermelha’  
       REL-vermelho   REL-cabeça-vermelha

No dado (24), a palavra *i`prédu* designa um homem adulto, maduro que já completou todo o seu ciclo de aprendizado, conhecedor da cultura, portanto alguém legalmente habilitado a participar do *warã*<sup>4</sup>. Este termo que designa uma determinada faixa etária leva em sua formação a raiz de vermelho, prefixada pelo relacional *i-*. Este e alguns outros termos relativos à posição social bem como os relativos ao parentesco são lexicalizados como adjetivos nesta língua. Do ponto de vista cultural a cor vermelha é, sem dúvida, a principal cor entre os Xavante e parece representar na cosmologia desse povo, por um lado, força, energia, liderança e masculinidade, embora por vezes possa sinalizar também perigo, raiva e desejo de luta e revolução.

Esses sentidos se materializam no cotidiano da aldeia, nas formas geométricas em que essas cores se inserem (no corpo ou em outras superfícies) e mantêm uma relação com a proporção em que uma ou outra cor (vermelho ou preto) se sobrepõe. O fruto bom de comer é o vermelho, o melhor milho, embora todos sejam nutricionalmente os mesmos, é o vermelho, o tecido mais bonito também é o vermelho. Não é por acaso que além da cor preta, obtido através da mistura do jenipapo (fixador) com o carvão vegetal, e a pigmentação vermelha, produzida a partir de sementes de urucum, constituam as cores mais utilizadas entre os Xavante em todos os seus rituais. A partir desta exposição sobre a importância das palavras

designativas das cores para a atribuição de valores no cotidiano do grupo, pode-se considerar possíveis relações entre a percepção e distribuição das categorias cromáticas dos Xavante e a cosmologia deste povo.

## 5. AS CORES E COSMOLOGIA XAVANTE

O primeiro ponto a ser destacado sobre os termos para as cores em Xavante é o caráter relacional deles, visto que não designam propriedades que existem sem referência a seres, objetos e qualidades que as materializem. Não são morfemas livres, ou seja unidades significativas independentes, mas morfemas que carregam necessariamente o já citado prefixo relacional *i-*, que remete sempre a cor a determinado referente que a exhibe, ou às raízes nominais, como nos dados (8), (12) e (24).

Expressar as cores não parece ser a única atribuição para tais termos. O vermelho (*i'pré*), por exemplo, é uma cor mas é também uma propriedade que excede a nomenclatura cromática, pois recobre tudo aquilo que é considerado belo e pleno (maduro) para o Xavante, sendo o representante prototípico desta condição o homem adulto que participa do conselho tribal (*warã*), classe etária que contém no próprio nome o termo referente ao vermelho (*i- 'pré-du*).

Conforme dito anteriormente, o homem adulto maduro está na plenitude do ciclo de vida e no conhecimento da cultura Xavante, e este grau ótimo de concentração dos valores sociais só pode ser expresso através de *i'pré*, que vai se distinguir do *i'pré* como cor vermelha como no exemplo *i- 'pré-du i- 'rã-pré* (o homem adulto tem cabeça vermelha). Na palavra relativa a homem adulto, o morfema *pré* ocupa a mesma função de *rã* em “cabeça vermelha”, ou seja, a de raiz que está sendo modificada por um sufixo. Pode-se postular a partir deste exemplo que a função adjetiva em composições envolvendo os termos para cores seja identificada por critérios distribucionais, a saber a posição sintática final. Esta perspectiva se mostra produtiva principalmente para análise da criação de termos para novas cores, obtidas através da sufixação do morfema para “branco”.

O termo para branco (*i'a*) pode ser visto como um “modificador” nos termos propostos por Viveiros de Castro (2002) em análise de certa classe de morfemas em Yawalapíti, língua Aruak falada no Alto Xingu. Para o autor, modificadores são “dispositivos semânticos cuja função seria estabelecer a distância metonímica ou a diferença metafórica entre protótipo ideal e fenômeno atual” (p.28). Segundo ele, os sufixos *-kumã*, *-rúru*, *-mína* e *-malú* desempenhariam este papel em Yawalapíti. Ao serem afixados a nomes de animais, plantas e

categorias sociais, estes sufixos modificariam a configuração do que se espera como característico da espécie referida pelo nome. A sufixação cria subtipos que guardam variadas qualidades de relações entre si, que podem ser expressas por noções gramaticais (como grau em *-kumã*, destinado às versões monstruosas ou superiores do referente básico) ou lexicais como a oposição falso/verdadeiro (denotada por *-malú* e *-rúru*, respectivamente). Os sufixos servem assim também como classificadores dos seres através de gradientes demonstrando a distância relativa das versões derivadas em relação ao tipo representado pela raiz nominal.

Este parece ser precisamente o papel de *i'a* ao se juntar a *i'pré* e *i'udzé* (os dois protótipos ideais das cores em Xavante) para formar o laranja e o amarelo, respectivamente. Mais do que uma nova cor, pode-se dizer que laranja (*i'pré'a*) e amarelo (*i'udzé'a*) são subtipos das cores de referência, a saber, menos vermelho e menos verde-azul-amarelo (ou alternativamente “vermelho branco” e “verde-azul-amarelo branco”. Isto porque, seguindo a lógica Xavante, *i'a* representa a não-cor, sendo impreciso afirmar que haja a mistura dela com *i'pré* ou *i'udzé*, como seria de se esperar no processo ocidental de obtenção de novas cores. O branco parece antes alterar as propriedades de *i'pré* e *i'udzé* por retirar-lhes a potência. No caso do primeiro, por degradá-lo em uma espécie de vermelho menos forte, o laranja, e no segundo caso por eliminar a polivalência da categoria, restringindo *i'udzé* a apenas uma de suas possibilidades de realização, o amarelo, como se o Xavante fosse obrigado a isolar artificialmente elementos cromáticos que atuam em conjunto. Mas em ambos os casos, e isto está marcado linguisticamente, *i'pré* e *i'udzé* não desapareceram, mas se apresentam como se fossem outras versões deles mesmos.

A existência de morfemas específicos para claro e escuro reforçam o que está sendo dito sobre o valor modificador de *i'a*. Ambos dizem respeito ao dado visual mais elementar apontada por Berlin & Key (1969), a discriminação entre preto e branco, efeito que na verdade diz respeito a distinção de tom, processo óptico paralelo ao da percepção das cores. “Em seu estado visual elementar a luz é tonal, e vai do brilho (luminosidade) à obscuridade. A presença ou a ausência de cor não afeta os valores tonais, que são constantes e têm uma importância infinitamente maior maior que a cor, tanto para ver como para conceber e realizar. No pigmento, a luminosidade é sintetizada pela brancura que tende ao branco absoluto, enquanto a obscuridade é sugerida pelo negror que tende ao negro absoluto” (DONDIS, 2003:109). Assim, em termos ópticos, o par claro/escuro, referente a luminosidade, encontra certa representação cromática no par branco/preto.

As relações entre os termos Xavante para claro (*i'rã*)/escuro (*i'rädö*) e para preto (*i'u*)/branco (*i'a*) estão bem expressa no material coletado. Escuro e preto são tomados como

sinônimos no dado (15) para milho preto. E as palavras escuro e claro são as escolhidas na língua para especificar as categorias raciais em português “branco” e “negro”. Já que existe a sobreposição entre os pares escuro/claro e branco/preto, no que tais morfemas se distanciam? O conjunto formado pelos dados (12) e (13) fornecem uma pista interessante. Nos exemplos, o que está em jogo é a passagem de jovem para velho, materializada através da mudança na cor do cabelo. O que é notável é a oposição entre *i'rādō* (escuro) e *i'a* (branco), mas não com *i'rā* (claro), como seria de se esperar. Tal escolha parece refletir uma significação que o termo para claro não expressaria, a saber a perda de vitalidade através de um processo que mais do que indicar uma troca de cor, parece dizer respeito a certa perda de potência ou enfraquecimento do jovem/cabelo escuro, resultando no velho/cabelo branco. Trata-se efetivamente de modificação por decréscimo, não por troca, ou seja de despigmentação ao invés de coloração, em que o branco se mostra como não-cor, ou princípio oposto do preto/escuro/jovem.

O princípio que se opõe ao caráter enfraquecedor da não-cor pode ser descrito como intensificador, e se mostra bem visível em termos extralinguísticos, visto que o preto é a cor escolhida para salientar o vermelho nas pinturas corporais Xavante. Assim, no que se refere a estabilidade luminosa/cromática, os termos Xavante para escuro/claro e preto/branco guardam relações de sinonímia, enquanto que para os processos de modificação dos componentes (dos corpos e das próprias cores), somente *i'ú*, e ainda mais *i'a*, esta verdadeira partícula de desestabilização, se apresentam como adequados.

Tais fatos são ainda extremamente reveladores acerca dos mecanismos da língua para a incorporação de novidades. Não foram inventadas palavras para as novas cores, nem os termos em português foram tomados de empréstimo. As demandas do mundo não-indígena produziram descontinuidades na percepção das cores, que se concretizaram linguisticamente através do modificador *i'a*, sem no entanto apagar os referentes básicos *i'pré* e *i'udzé*, que configuram a virtualidade cromática Xavante, de onde qualquer outro elemento vai ser proveniente. Na verdade muito pelo contrário, o que ocorre é justamente o reforço deste caráter estruturante dos dois termos, pois na formação das palavras para laranja e amarelo, o prefixo relacional *i* passa a dizer respeito à *'a* (branco), deixando os núcleos *'pré* e *'udzé* na posição que cabe as raízes nominais dos seres e objetos aos quais vão ser atribuídas cores, como já encontrado na expressão para homem maduro (*i-'pré-du*). Assim, conforme sugerido anteriormente, pode-se dizer que em certos contextos, os termos para vermelho e verde-azul-amarelo em Xavante não se comportam como os adjetivos prototípicos descritos por Quintino (2008), mas se tornam independentes do sufixo relacional *i* que caracteriza tal classe

gramatical para se tornarem algo mais do que palavras que designam exclusivamente propriedades visuais cromáticas.

Tal autonomia do referente cromático visual é bem expresso nas situações em que a idéia de colorido (*i'pré'udzé*) é acionada, como no caso da arara canindé. A ave não tem penas vermelhas, no entanto *i'pré* participa da descrição justamente por ser determinante para a totalidade cromática Xavante, ou seja, mesmo *i'udzé* parece ser subsidiário dele (a forma que inverte a precedência das cores, *i'udzé'pré*, é impossível na língua ou agramatical). Novamente tem-se o núcleo *'pré* como morfema de raiz, e não como formativo, podendo-se glossar “colorido” como “vermelho verde-azul-amarelo”.

A noção de colorido parece descrever muito bem a paisagem cosmológica do grupo, dominada pelo vermelho, a cor do mundo social, do belo, do homem maduro, espécie de ápice da humanidade Xavante. Mas do que uma cor, *i'pré* é a propriedade que expressa a plenitude do modo de ser primeiramente da pessoa Xavante e depois das coisas que os cercam. Já nas franjas da socialidade vermelha e indo mais além estão os processos que envolvem o *i'udzé*: a folha que desponta verde nas plantas e depois amarelece e cai, não mudando por tanto de cor (a indistinção lexical entre verde e amarelo); o céu que é um tipo particular de *i'udzé*. Um caso especial são os frutos, capazes de passar de *i'udzé* para *i'pré* ao ficarem maduros. Isto mostra que não há oposição total entre as duas instâncias, mas espaços de transição e abertura (próprios das organizações concêntricas comentadas por LÉVI-STRAUSS, 1970), pois juntas *i'pré* e *i'udzé* expressam a inteira cartela de cores com as quais os Xavante matizam o mundo.

## 6. REFERÊNCIAS

- BERLIN, Brent & KAY, Paul. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley and Los Angeles: University of California, 1969.
- DONDIS, Donis A. *A Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GRAHAM, Laura. *The Always Living: discourse and the male lifecycle of the Xavante Indians of central Brazil*. Ph.D Dissertation, The University of Texas at Austin, 1990.
- JAMESON, K. A. & D'ANDRADE, R. G. “It's not really Red, Green, Yellow, Blue: An inquiry into perceptual color space”. In: HARDIN & MAFFI (eds), *Color Categories in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LEVI-STRAUSS, Claude. “As Organizações Dualistas existem?”. In: *Antropologia*

*Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970 [1956].

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

MAYBURY-LEWIS, David. *O Selvagem e o Inocente*. Campinas: Unicamp, 1990 [1965].

MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1974 [1967].

MAYBURY-LEWIS, David. "Estruturas e estratégias". *Anuário Antropológico/86*, 1988 pp. 117-129.

QUINTINO, Wellington. "Da categoria translinguística "adjetivo": tipologia semântica e orientação sintática em Xavante, 2008. Manuscrito..

REGIER, Terry; KAY, Paul e KHETARPAL, Naveen. "Color naming and the shape of color space". *Language*, Volume 85, Number 4, 2009.

SAUNDERS, B.A.C. *The invention of Basic Colour Terms*. R.U.U.- I.S.O.R: Utrecht, 1992.

SZTUTMAN, Renato (2002). "Do dois ao múltiplo na terra do um". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 45 nº 2, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Esboço de cosmologia Ywalapíti". In: *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

---

<sup>1</sup>Do Xavante: *aquilo/aquele que possui (alguma) cor*.

<sup>2</sup>Um resumo do debate sobre os termos de cores a partir da linguística pode ser encontrado em Lyons (1987) e do ponto de vista do uso de dados linguísticos por etnólogos em Duranti (1997).

<sup>3</sup>A coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos. A primeira parte da coleta foi feita na Terra Indígena Xavante Pimentel Barbosa, em janeiro de 2008. A fim de obter o vocabulário relativo às cores, procedemos da seguinte forma: (i) apresentamos ao grupo de professores que naquele momento eram nossos consultores nativos, cartões de diferentes cores e (ii) solicitamos que os mesmos discutissem entre si sobre os nomes dessas mesmas cores na língua, (iii) mostramos o cartão de determinada cor e perguntamos como se diz em Xavante, em seguida (iv) levamos alguns utensílios da cultura material além do milho xavante (colorido), lápis de cor e fotografias.

O segundo momento de gravação de dados ocorre em 2010, com 2 consultores nativos bilíngues residentes momentaneamente no Rio de Janeiro, logo em um ambiente fora da aldeia. Procedemos como da forma anterior, com a diferença que desta vez a entrevista foi realizada individualmente, em momentos diferentes e os consultores só tiveram acesso aos cartões coloridos e não tiveram chance de discutir entre si.

Houve uma consistência nos dados com respeito à nomeação das cores preto, branco, vermelho e o termo designando as demais cores entre os consultores nativos falantes dessas diferentes variedades do Xavante. No entanto, diferente da variedade de Pimentel Barbosa, esses últimos consultores fizeram uma distinção formal entre as cores verde, amarelo e azul, que discutiremos mais a frente.

<sup>4</sup> Warã é o conselho tribal: espaço de reuniões, discussões e tomadas de decisões que envolve todos os *iprédu*, lideranças e velhos da comunidade. Essa reunião ocorre no meio da aldeia todos os dias do ano, de manhã antes do sol nascer para planejar as atividades daquele dia e de novo no final da tarde quando o sol se põe, para discutir como foi o dia, de acordo com o planejado de manhã.